



Universidade
Estadual de Londrina

RAFAELA DA SILVA AVILA

**MODOS DE CONCEBER O FRACASSO ESCOLAR: UMA
ANÁLISE DA LITERATURA ESPECIALIZADA**

Londrina
2009

RAFAELA DA SILVA AVILA

**MODOS DE CONCEBER O FRACASSO ESCOLAR: UMA
ANÁLISE DA LITERATURA ESPECIALIZADA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Pedagogia, da Universidade Estadual de
Londrina, orientado pela Prof^a. D^a. Silvia
Márcia ferreira Melleti.

Londrina
2009

RAFAELA DA SILVA AVILA

**MODOS DE CONCEBER O FRACASSO ESCOLAR: UMA
ANÁLISE DA LITERATURA ESPECIALIZADA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Pedagogia, da Universidade Estadual de
Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^o.Dr^a. Silvia Márcia Ferreira Meletti
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof^a Simone Moreira de Moura
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof^a Célia Regina Vitaliano
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof^a Luciane Guimarães Batistella Bianchini
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 12 de novembro de 2009.

*A minha filha Julia, razão de minha
persistencia para chegar ao fim!*

AGRADECIMENTOS

A Deus,

Por ter me dado a vida e permitir as conquistas alcançadas com sabedoria, dedicação e persistência, essenciais para a conclusão do curso e elaboração deste trabalho.

Ao meu esposo Junior,

Pelo apoio, paciência, amor e toda a motivação dada para a realização desta pesquisa. Além do incentivo em momentos de quase desistência e, principalmente, por ter ficado ao meu lado em todos os momentos difíceis.

À minha querida filha Julia,

Que desde o primeiro ano de faculdade, sofreu com minha ausência em tantos momentos e com seu sorriso meigo, jamais deixou de ser minha maior inspiração e motivação.

Aos meus pais, Adalberto e Teresinha,

Pelo apoio incondicional, pois sem eles jamais teria alcançado mais uma vitória. Obrigado por serem pais tão maravilhosos.

Aos meus irmãos, Flavia e Victor,

Pessoas que amo muito. Obrigado pelo apoio sempre que necessitei.

Aos meus sogros, Dilson e Fátima,

Pessoa especiais em minha vida, que me ajudaram muito além do que podiam.

Às minhas amigas, Renata Nicolin e Mariana Verçosa,

Pelo coleguismo que passou a ser amizade verdadeira. Pela confiança e dedicação em todos os momentos que precisei.

À minha querida orientadora, Silvia Meletti,

Pelo apoio, paciência, confiança em meu potencial e por todos os momentos a mim dedicados. Obrigado por tudo!

Às minhas colegas de turma, que passaram por muitas dificuldades e assim como eu chegaram ao fim do curso com um gostinho de vitória e saudade!

A todas as professoras que tive durante o curso. Cada uma à sua maneira contribuiu com a minha formação e colaborou para que eu conquistasse esta etapa de minha vida com sucesso.

*" Não há saber mais ou saber
menos:
Há saberes diferentes "*
Paulo Freire.

AVILA, Rafaela da Silva. **Modos de conceber o fracasso escolar:** uma análise da literatura especializada, 2009. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

RESUMO

Partindo das produções literárias a respeito do fracasso escolar, objetivou-se, neste trabalho, entender como a literatura vem encarando o insucesso dos indivíduos na escola. O trabalho apresentado tem caráter de pesquisa documental, desta maneira, para alcançar o objetivo proposto foi necessário realizar uma seleção na área da pesquisa. Para tanto, selecionamos a *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), como local de coleta dos periódicos, por se tratar de uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros e ser de fácil acesso aos leitores e, conseqüentemente, de grande propagação de informações. A análise dos estudos proporcionou a constatação de fatores já apontados pela literatura desde a década de 1980. O fracasso escolar vem sendo encarado, em grande parte dos estudos, como de responsabilidade somente do aluno e da família. Por outro lado, existem estudos que analisam o fracasso escolar como um fenômeno multideterminado, que extrapola as condições individuais e subjetivas do sujeito.

Palavras-chave: Fracasso escolar. Patologia. Carência cultural. Sócio educacional.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	08
2 REFERÊNCIAL TEÓRICO.....	09
3 METODOLOGIA.....	23
4 RESULTADOS.....	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35
REFERÊNCIAS DOS ARTIGOS ANALISADOS.....	36
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR.....	38

1 APRESENTAÇÃO

O fracasso escolar é um assunto amplo, presente nos debates acadêmicos e do cotidiano escolar e que representa um dos grandes problemas da educação brasileira, alcançando índices cada vez mais alarmantes.

A escolha do tema a ser pesquisado foi bastante complicada, afinal a educação apresenta muitos problemas e lacunas, mas a ênfase no fracasso escolar dos alunos como consequência exclusiva de problemas individuais e familiares passou, durante minha formação, a povoar as reflexões e a direcionar meus estudos. Especificamente, passei a me interessar pelo modo como o fracasso escolar é tratado pela literatura especializada, já que nas diferentes disciplinas cursadas, em seminários e cursos fui percebendo que o modo como o fracasso escolar é concebido nas escolas pode ser sustentado pela própria Educação.

Assim, a opção foi investigar como a literatura especializada analisa o fracasso escolar e qual contribuição trás para construção de concepções mais amplas deste fenômeno, sem a culpabilização dos alunos e de suas famílias, da pobreza e da falta de competência dos professores, se estruturou como o foco desta pesquisa.

O trabalho está organizado em várias etapas, primeiramente foi feito um resgate histórico do fracasso escolar, em um segundo momento viu-se necessário a análise das categorias do fracasso: patologizadora, da carência cultural e sócio educacional. Em seguida é apresentada a metodologia que foi utilizada e os resultados alcançados.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Partindo do pressuposto de que os seres são únicos e dotados de diversas perspectivas, que vivem em lugares diferentes e com estímulos variados, somos incoerentes quando pensamos que a produção intelectual tem que ser igual. Não lidamos naturalmente com as diferenças e esta é uma das dificuldades quando abordamos o fracasso escolar.

Vivemos num país enorme, com traços de muitas culturas e com uma história recheada de motivos desencadeantes de problemas como o fracasso escolar. Mas, teorias “disso ou daquilo” não aquietam indagações. É preciso questionar as causas. Reavaliar o trabalho pedagógico, contextualizar o problema, compreender o que acontece neste processo. Rever situações sem ater-se aos estigmas. Recriar a escola, desenvolver a dignidade dos indivíduos que pararam nos muros das instituições de ensino e a margem da sociedade.

É interessante perceber que cada “educação” atende as necessidades da sociedade vigente. Se revermos fatos históricos perceberemos a necessidade de aprendizagem com o decorrer do tempo e as transformações ocorridas. Referir-se a tempo e espaço é afirmar que a educação visa atender as necessidades de uma época é uma forma simplista de afirmar que o homem é um ser histórico. Portanto, é ela, a educação, que pode aparecer ao mesmo tempo como protagonista e coadjuvante da história, dependendo das relações em que se encontra.

Para estudar um fenômeno como o fracasso escolar é necessário retornar ao passado, faremos esta viagem baseada no estudo de Patto (1989), cujo trabalho trata-se de um divisor águas quando o assunto é fracasso escolar. Ao voltarmos no tempo, nota-se que a passagem do modo de produção feudal para o modo de produção capitalista mudou o mundo politicamente, na economia, em questões sociais e estruturalmente de forma extraordinária. As mudanças nas relações, visando à produção trouxeram uma nova visão de homem enquanto trabalhador - empreendedor, que apostava no processo econômico e científico, viabilizando a racionalidade e criando divergências. Esse trabalhador empreendedor

ganhou espaço na máquina governamental e sombreava os nobres, já destituídos do poder, mas ainda lutando pelo mesmo.

Nessa transição, os antigos artesãos e camponeses vão perdendo seus postos de produtores independentes e suas condições de vida se tornam insustentáveis. É esse grupo que vai constituir o trabalhador assalariado, que vende a mercadoria que lhe resta: força de trabalho.

O capitalismo evolui, o lucro aumenta e o acúmulo de capitais garante o sucesso para alguns. A luta entre os donos da produção e os assalariados gera conflitos. A máquina barateia a produção e a força de trabalho é desvalorizada. O trabalhador vai perdendo sua autonomia e com isso o prazer. Fazendo do trabalho apenas a maneira de satisfazer precariamente suas necessidades.

Paralelamente a essa situação, já existe a busca de melhores condições de vida dos moradores do campo que migram para as grandes cidades, estas super-povoadas e carentes de infra-estrutura. Esse migrante quase sempre encontra-se na mesma situação, sem qualificação, não especializado, sempre a beira do desemprego e da não sobrevivência.

Mas todo esse progresso, esse aumento de produção, essa racionalidade econômica e científica tem poucos beneficiários. Nas palavras de Patto (1989, p.35):

A visão de mundo da burguesia nascente foi profundamente marcada pela crença no progresso do conhecimento humano, na racionalidade, na riqueza e no controle sobre a natureza. O ideário iluminista se fortaleceu com o visível progresso ocorrido na produção e no comércio, resultado, segundo se acreditava, da racionalidade econômica e científica. E, fato compreensível, esta ideologia encontrou maior receptividade o entusiasmo entre aqueles mais diretamente beneficiados pela nova ordem econômica e social em ascensão [...].

Enfim, o que se pode notar é que todos os competidores começavam juntos, mas não terminavam juntos, desta maneira a minoria era privilegiada.

Com relação aos Sistemas Nacionais de ensino, no início do século XIX, a política educacional decorre de três vertentes da visão de mundo dominante na nova ordem social: a crença no poder da razão e da ciência; o projeto liberal de um mundo onde há igualdade de oportunidades (diferente da desigualdade da herança familiar); e a luta pela consolidação dos estados nacionais.

Há uma crença de uma vida social igualitária e justa, esta era cimento ideológico que unia forças e punha em relevo a necessidade de instituir mecanismos sociais que garantissem a transformação de súditos em cidadãos.

Nesse processo, a educação escolar recebe a missão de ilustração do povo, a instrução pública universal, obrigatória. A alfabetização é vista como instrumento responsável para se chegar aos resultados esperados (ZANOTTI apud PATTO 1999).

A escola torna-se um meio de manter a unidade. A redentora da humanidade, capaz de fundir diferenças de credo e de raça, de classes e de origem. Percebe-se já a inexistência de políticas educacionais que garantissem as necessidades da sociedade vigente e para isso atitudes deveriam ser mudadas. A instituição escolar reproduz as relações e limita-se a rudimentos de leitura aritmética e obediência moral. Neste modelo atendendo somente privilegiados (só os que podiam pagar).

A partir de 1870, ideólogos das nações estados atentam para a idéia de uma só língua e um meio de instrução oficial:

[...] Os ideólogos das nações-estado insistiam em que deveria haver somente uma língua e um meio de instrução oficiais: é assim que a unificação da língua, dos costumes e a aquisição da consciência de nacionalidade será a primeira missão da escola no mundo capitalista do século passado. O tema da igualdade dos cidadãos, independente da raça, do credo e da classe social servia tanto ao ideário nacionalista quanto ao liberal. Portanto, a constituição das nações não era vista como algo espontâneo, mas como algo que precisava ser construído; nesta construção, a escola, como instituição estratégica na imposição da uniformidade nacional, expandiu-se como sistema nos países mais desenvolvidos (PATTO, 1999, p.43).

Nota-se, então, que a constituição da nação, a universalização da língua e a necessidade de construção do indivíduo, fizeram da escola uma instituição estratégica para estes fins. A escola teria um sentido missionário e aos professores, cabe o papel de apóstolos desta missão.

No século XX, o poder da escola é abalado com a Primeira Guerra Mundial. A posse do saber não havia livrado o homem da tirania, da desigualdade social, da opressão e da exploração. A escola tradicional é atacada e há a necessidade da elaboração de uma pedagogia promotora do espírito humano. O movimento escolanovista (fim do séc. XIX) se propaga, com o fim claro de rever os

princípios e práticas da educação, a fim de fazer da escola uma instituição a serviço da paz e da democracia.

No século XX, os pedagogos liberais estavam carregados de um humanismo ingênuo, mas intencionado, que acreditava numa sociedade de classes igualitária, ou seja, uma sociedade que os lugares sociais deveriam ser ocupados por mérito pessoal.

Com relação às teorias racistas, os trabalhadores desejam a escola e percebem a desigualdade embutida na nova ordem. A escolarização é o sonho que proporcionaria a mudança de vida e a ascensão social.

A igualdade, a produção cultural para todos, o pensamento liberal, são apenas uma camuflagem para as desigualdades. Segundo Patto (1999) no nível das idéias, a passagem sem traumas da igualdade formal para a desigualdade social real inerente ao modo de produção capitalista dá-se pela tradução das desigualdades raciais, pessoais e culturais. Aparece, assim, uma tendência a atribuir à pobreza inferioridade inata e os piores abusos das teorias racistas. Surge, também, a necessidade de criar instrumentos “científicos” que sustentasse a crença nas diferenças individuais como inerentes ao indivíduo e não como consequência de um sistema social e econômico injusto e desigual em sua base. No campo das ciências humanas, a psicologia e a sociologia, em suas vertentes empiristas e funcionalistas, assumem este papel.

Com relação à psicologia científica importantíssima quando se pensa em um corpo biológico Patto (1999, p.54) expõe que:

A psicologia científica nascente neste mesmo período não poderia ser diferente; gerada nos laboratórios de fisiologia experimental, fortemente influenciada pela teoria da evolução natural e pelo exaltado cientificismo da época, tornou-se especialmente apta a desempenhar seu primeiro e principal papel social: descobrir os mais e menos aptos a trilhar “a carreira aberta ao talento” supostamente presente na nova organização social e assim colaborar, de modo importantíssimo, com a crença na chegada de uma vida social fundada na justiça. Entre as ciências que na era do capital participaram do ilusionismo que escondeu as desigualdades sociais, historicamente determinadas, sob o véu de supostas desigualdades pessoais, biologicamente determinadas, a psicologia certamente ocupou posição de destaque.

A psicologia diferencial com seu caráter genético destacava a genialidade hereditária: uma tentativa de comprovar a capacidade intelectual com determinação hereditária. Galton apud Patto (1999, p. 55), afirma que “as aptidões naturais humana são herdadas da mesma forma como os aspectos constitucionais e físicos de todo o mundo orgânico”.

A igualdade de oportunidades seria chavão desnecessário se as pessoas já nasciam dotadas de condições para aprender ou não (hereditariedade), ou se fosse rico ou não. As distorções eram evidentes. Era necessário compreender que a escolarização também tinha um lado “duro”, apenas alguns tinham acesso a ela; os homens não são iguais conseqüentemente é necessário se conformar que ascender socialmente e economicamente não é para todos.

No século XIX, a explicação do fracasso escolar se baseou em duas vertentes: das ciências biológicas e da medicina, desta maneira os primeiros especialistas que se ocuparam de casos de dificuldades de aprendizagem escolar foram os médicos. Muitos psicólogos buscaram medir com precisão as verdadeiras aptidões das pessoas.

Patto (1999, p.61-62) ressalta o fato de que:

É neste contexto ideológico reformista que, na última década do século passado, se verifica nos meios universitários de países capitalistas europeus e norte-americanos uma verdadeira cruzada em busca de instrumentos de medida das diferenças individuais. Logo em seguida, a partir dos primeiros anos deste século e em especial durante e após a primeira grande guerra, vários países engajam-se numa nova epopéia: a identificação dos super e dos subdotados na população infantil, de modo a lhes oferecer condizente educação escolar. Desde então, os testes psicológicos ingressaram nas escolas e passaram a fazer parte de seu cotidiano nos países capitalistas centrais. É a partir desta época que, nos países dependentes, educadores mais progressistas sofrem forte influência do que se passa nos meios educacionais da Europa e da América do Norte e começam a lutar pela introdução da psicometria e da pedagogia nova em seus países.

O século XX foi marcado também pela aplicação de testes de inteligência. Com a incorporação de conceitos psicanalíticos passa-se a considerar outras dimensões no momento da caracterizar o “fracassado”, leva-se em consideração a questão afetivo-emocional e deixa-se de utilizar a terminologia “anormal” passando a ser criança problema.

Passa-se por uma época em que muda-se o foco do fracasso escolar e a palavra de ordem é a higiene mental escolar. De acordo com Patto (1999, p. 63):

Com intenções preventivas, as clínicas de higiene mental e de orientação infantil disseminaram-se no mundo a partir da década de vinte e se propõe a estudar e corrigir os desajustamentos infantis. Sob o nome de psicoclínicas, clínicas ortofrênicas, clínicas de orientação ou clínicas de higiene mental infantil, elas servem diretamente à rede escolar através do diagnóstico, o mais precocemente possível, de distúrbios de aprendizagem..A obsessão preventiva tem como lema “Keep the normal child normal” (mantenha normal a criança normal) e em seu nome são criadas as “clínicas de hábitos” para criança em idade pré-escolar.

Na década de 1970 elabora-se a “teoria da carência cultural”, Neste contexto o que se percebe são:

[...] afirmações carregadas de elitismo são a tônica do discurso educacional sobre os grupos raciais e sociais oprimidos. O movimento de higiene mental escolar também ajudou, portanto, mesmo sem o saber e desejar, a instalar a escola seletiva, difícil de perceber e denunciar porque dissimulada sob procedimentos técnicos e verdades científicas de difícil contestação na época. Embora imbuído do mais sincero propósito democrático, ele também colaborou para justificar o acesso desigual das classes sociais aos bens culturais, ao restringir a explicação de suas dificuldades de escolarização ao âmbito das disfunções psicológicas. Aliás, uma psicologia que desde o seu nascimento baseia-se numa definição conservadora de ajustamento e de normalidade e que centra suas investigações no que ocorre no indivíduo ou nas suas relações interpessoais, estendidos como entidades a - históricas, só poderia ter imensa receptividade numa sociedade regida pelas teses liberais e por uma visão funcionalista da vida social. Seu prestígio foi tão forte que suplantou, na explicação do fracasso escolar, uma das premissas do pensamento escolanovista que não podia ser negligenciada; a de que a estrutura e o funcionamento da escola e a qualidade do ensino seriam os principais responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem (PATTO, 1999, p.65).

Nota-se, então, que aparece uma correlação entre desigualdade, nível de escolaridade e classe social, assim os movimentos reivindicatórios das minorias raciais norte americanas e da grande resposta política que lhes é dada através do mundo acadêmico e educacional se justificam pela teoria da carência cultural.

Ambientes, valores crenças, normas, hábitos e habilidades tudo é positivo apenas nas classes dominantes e explica-se justamente por isso na grande parte dos casos o sucesso escolar nesta classe de favorecidos. Para as classes inferiores resta a agressividade, descaso, desinteresse, inconstância, viciados, imoralidade e afirmar o pobre como selvagem. Neste caso o fracasso escolar é justificado por estas características.

Anastasi apud Patto (1999) conclui, após vários estudos a respeito de revelações entre origem social e estrutura da personalidade infantil que certos aspectos da vida familiar da classe baixa tende a minar a autoconfiança e segurança emocional da criança. Outros estudos afirmam o baixo rendimento escolar como características da classe baixa.

Patto (1999), ressalta que os autores dessa afirmação não salientam a precariedade dos instrumentos de avaliação. Também não ressaltam a interferência que há no cotidiano das pesquisas com a presença do pesquisador. Estão alheios da ideologia e relações de poder existentes na sociedade. Tais pesquisas confirmam aos educadores a propriedade de sua visão preconceituosa.

Por outro lado, fazem renascer, a esperança na justiça social e atribuem à escola compensatória a reversão das diferenças sociais:

Neste momento é importante resumir: o tema das diferenças individuais numa sociedade dividida em classes – e, conseqüentemente, a pesquisa das causas do fracasso escolar das classes empobrecidas e os programas educacionais a elas especificamente destinados – movimenta-se num terreno minado de preconceitos e estereótipos sociais. Isto será tanto mais verdadeiro quanto mais a divisão de classes coincidir com a divisão de grupos étnicos. A defesa da tese da inferioridade congênita ou adquirida, irreversível ou não, dos integrantes das classes subalternas é antiga e persistente na história do pensamento humano. As diferenças de qualidade de vida entre as classes sempre foram justificadas através de explicações geradas pelos que, em dada ordem social, são considerados competentes para elaborar uma interpretação legítima do mundo. E a interpretação tida como verdadeira é a que dissimula e oculta, com maior sutileza, que as divisões sociais são divisões de classes, o que equivale a afirmar sua condição ideológica, aqui entendida como “um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta)... cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes (CHAUI apud PATTO, 1999, p.70-71).

Com a análise feita deste histórico, pode-se perceber que apesar de diferentes momentos vividos pela educação no Brasil e no mundo, torna-se cada vez mais evidente a questão de que pelo menos nas últimas cinco décadas os índices de evasão e repetência vêm se repetindo. Isto pode ser justificado dentre tantas outras causas ao fato de que alguns problemas básicos da educação permanecem sem solução. No entanto não se pode descartar o fato de que muitos pesquisadores vêm trabalhando com empenho na tentativa de reverter este quadro.

Como foi possível perceber, o fracasso escolar vem sendo considerado um dos grandes problemas da educação nas últimas décadas. Aquino (1998), afirma que normalmente considera-se o sucesso escolar um produto da ação pedagógica. Já o fracasso é efeito de algum problema individual do aluno. O que deveria ocorrer, é o professor encarar a dificuldade de trabalhar com uma criança com problemas como um desafio necessário para se tornar um profissional de qualidade.

A escola necessariamente precisa rever seu processo pedagógico, ela tem que despertar na criança o interesse pela educação. É interessante que os processos pedagógicos sejam aplicados de forma adequada, pois são responsáveis pela posição que os alunos se colocam em relação à instituição. Dessa forma é necessário que haja uma adaptação das atividades educativas às necessidades e possibilidades do aprendiz.

Com o que foi apontado até o presente momento sobre o fracasso escolar, nota-se que foram muitas as mudanças e permanências que ocorreram em relação ao assunto, desta maneira diferentes concepções a respeito do insucesso escolar vão se constituindo. Partindo desta ideia, torna-se indispensável descrever e analisar cada uma destas categorias. No intuito de encarar o fracasso da forma mais correta possível, afinal a visão que as instituições de ensino possuem sobre família prende-se ao modelo nuclear burguês apresentado por Engels (1987), no qual a família é composta por pai, mãe e filhos, excluindo todo e qualquer modelo que não se encaixa nesta composição, e isto juntamente com outros fatores levam a visões equivocadas sobre as dificuldades de aprendizagem.

A responsabilidade do fracasso escolar é sempre da família e do aluno, assim como a culpa de todos os comportamentos apresentados pelos estudantes que venham a perturbar a ordem e a moral da sociedade, isso é

justificado muitas vezes como um descuido dos pais na hora de educar seus filhos. Mas a realidade não é bem assim, pois todos os membros envolvidos nesse processo fazem parte dessa história e interagem entre si. Por isso a culpa pelos problemas que ocorrem na escola não é só da família e/ou do aluno, podem ser justificados pela teoria da carência cultural, pela patologização do fracasso escolar, e por questões sócio-educacionais.

Partindo destes pressupostos, a primeira categoria que aborda o fracasso escolar a ser explicada trata-se do fato bastante comum de encará-lo como uma patologia. Assim, o fracasso escolar é visto como consequência de um distúrbio inerente ao aluno, passando para a medicina a responsabilidade por este indivíduo. Isso ocorre com a aprovação da sociedade que acaba, por vezes, colocando questões de aprendizagem para profissionais da área da saúde solucionar. Segundo Moysés (2008, p.1) “tudo o que ‘foge às regras’, ou seja, não funciona como deveria, é transformado em doença, em um problema biológico e individual”.

No entanto, como é notável na história do fracasso já abordada neste estudo, essa ideia de inserir as dificuldades escolares no campo da medicina não é nova, Patto (1999, p. 59) ressalta que:

Os primeiros especialistas que se ocuparam de casos de dificuldade de aprendizagem escolar foram os médicos. O final do século XVIII e o Século XIX foram de grande desenvolvimento das ciências médicas e biológicas, especialmente da psiquiatria. Datam desta época as rígidas classificações dos “anormais” e os estudos de neurologia, neurofisiologia e neuropsiquiatria conduzidos em laboratórios anexos a hospícios. Quando os problemas de aprendizagem escolar começam a tomar corpo, os progressos da nosologia já haviam recomendado a criação de pavilhões especiais para os “duros de cabeça” ou idiotas, anteriormente confundidos com os loucos; a criação desta categoria facilitou o trânsito do conceito de anormalidade dos hospitais para as escolas. As crianças que não acompanhavam seus colegas na aprendizagem escolar passaram a ser designadas como anormais escolares e as causas de seu fracasso são procuradas em alguma anormalidade orgânica.

Com relação a esta questão da medicalização, Moysés (2008, p.1) constata que:

Atribuindo a si própria não mais o estudo das doenças, mas o estudo e a definição da normalidade, a medicina se atribui todo o universo de relações do homem com a natureza e com outro homem, isto é, a

vida. Legislando sobre hábitos de alimentação, vestuário, habitação, higiene, aplica a esses campos a mesma abordagem empregada frente às doenças. Adotando um discurso genérico, aplicável a todas as pessoas, porque neutro, apóia-se na invariância da determinação biológica do homem e na pretensa invariância das relações que ela própria, a medicina, estabelece com cada homem, ou grupo de homens, em particular.

Segundo autora, a medicalização trata-se do processo de transformação de questões sociais em biológicas, desta forma tudo acaba sendo resumido ao mundo da natureza. Os indivíduos passam a ser vistos somente a partir de uma visão biológica. Assim, parte-se de um pensamento reducionista em que aprendizagem é por consequência apenas um dos elementos que fazem parte deste corpo biológico.

A aprendizagem, assim como a inteligência e o comportamento, é apreendida como objeto inato, abstrato. Abstraído e independente do próprio sujeito, que passa a ser apenas, elemento de perturbação. Entidades abstratas, a que se tem acesso direto, pela identidade absoluta, sem excessos e sem resíduos, entre significante e significado. Transformada em elemento de um corpo biológico – um corpo a ser silenciado para que a clínica possa debruçar seu olhar sobre ele, também a aprendizagem e, principalmente, a não-aprendizagem - será tomada, em processo de abstração, por objeto biológico a ser silenciado, para que o olhar clínico possa se efetivar com toda sua racionalidade e objetividade. (MOYSÉS; COLLARES apud MOYSÉS, 2008, p.04).

Desta maneira, torna-se cada vez mais evidente que:

Ao tomar para si todo o campo das relações humanas, a medicina os olhará, ora pelo lado da saúde, ora pelo lado da doença. Esse constante movimento de idas e vindas é uma das características da instituição medicina, a de poder se mover por um campo de amplitude infinita, dada exatamente pelo fato de definir seu objeto pelo par de opostos saúde-doença (ALBUQUERQUE apud MOYSÉS, (2008, p.04).

Partido desta ideia, de olhar os acontecimentos com um foco clínico, Moysés (2008 p.04) afirma que “as atividades de classificar, pelo diagnóstico, e de diagnosticar, pela classificação prévia, questões que não se inscreviam no campo da medicina serão incorporadas ao ato médico sem conflitos”.

Como consequência, considerar o fracasso escolar como uma patologia inerente ao indivíduo vem se tornando cada vez mais comum, pois as

peças acreditam que a igualdade de oportunidades fornecida pela escola é a mesma para todos, assim a desigualdade só pode ser justificada como algo natural ao aluno. Passa-se a considerar que a criança não aprende porque existe a “doença do não aprender”, como coloca Moysés (2008), havendo, desta forma, a disseminação médica em ambientes escolares.

Moysés e Colares (1994) encaram a questão da medicalização como a transformação de problemas, cuja origem é social e política, em situações médicas. Assim o problema surge do indivíduo desconsiderando que este é um ser social. O fracasso escolar pode ser explicado por esta teoria, sendo também encarado como algo individual e biológico.

Uma segunda categoria a ser apresentada é a chamada Teoria da Carência Cultural. Essa apóia-se, principalmente, na ideia de que o fracasso escolar dos alunos provenientes de classes mais baixas ocorre pelo fato destes sofrerem uma privação cultural justamente pela condição de vida em que se encontram.

Muitas pesquisas realizadas tendo como a base o fracasso escolar mostram que existe uma relação entre o nível de escolaridade e a classe social. Infelizmente, a desigualdade social no Brasil é gritante, os grupos sociais por ela atingidos não aceitam tal posição, por isso organizam movimentos e respostas políticas e educacionais que justificam a teoria da carência cultural.

Segundo Patto (1999, p. 74), “a crença na incompetência das pessoas pobres é generalizada em nossa sociedade”. Nas escolas, os alunos que enfrentam dificuldades de aprendizagem acabam tendo estas ligadas ao fato de possuírem um ambiente familiar carente com precárias condições de vida.

Infelizmente, pode-se perceber que as causas do fracasso escolar dos alunos das camadas mais baixas da população, desde muitas décadas atrás, em grande parte dos casos continuam a ser analisados a partir de uma perspectiva em que a causa para esta dificuldade de aprendizagem foca-se no aluno. Conseqüentemente, o aluno fracassa na escola não porque ele é portador de alguma deficiência, mas sim porque não possui condições de acompanhar o aprendizado da turma por ser “pobre”.

Em suma, nesta categoria, o fracasso é concebido como resultado da pobreza em que o indivíduo está inserido; via de regra, a estrutura familiar e o próprio aluno são culpabilizados pelo fracasso escolar. Nota-se que esta questão do

fracasso relacionado às classes empobrecidas está repleta de preconceitos e estereótipos sociais.

Uma terceira categoria a ser explicitada e analisada encara a falta de êxito na escola a partir de uma perspectiva sócio-educacional. Nesta, o fracasso escolar é compreendido como consequência de inúmeros fatores que englobam aspectos sociais, educacionais, econômicos e individuais; o entendimento é o de que o fracasso é constituído e mantido nas relações tecidas socialmente e no interior da escola.

Patto (1992) aponta a questão de que a responsabilidade do fracasso escolar nem sempre é da família. Pode estar ligada diretamente à patologia generalizada de que as crianças são prejudicadas pela condição social que possuem. Como consequência, enfrentam situações totalmente humilhantes nas escolas, sob a explicação dos professores de que elas não sentem e, nem ao menos percebem as agressões. Essa condição pode e vai piorar qualquer tipo de problema que esta criança tenha, mas é relevante ressaltar que muitas vezes, os professores agem dessa forma porque foi assim que aprenderam a lidar com tais situações, eles são também fruto do sistema que vivemos, e receberam uma formação inadequada, incapaz de formar profissionais competentes.

É de extrema importância destacar um fato que já vem sendo evidenciado, o fracasso escolar envolve várias dimensões, assim, ao se falar de dificuldades de aprendizagem, torna-se indispensável entender que o desejável é que o fracasso seja concebido como um fenômeno multideterminado que extrapola as condições individuais e subjetivas do sujeito. Isso é indicado na literatura desde a década de 80; o que é percebido é que nas escolas ainda permanece a concepção do fracasso como algo inerente ao sujeito, sob “nova” perspectiva: indisciplina, rótulos do tipo hiperativo, deficiência...

Deve-se ter em mente que compreender as dificuldades escolares de uma pessoa é algo que requer tempo e muita dedicação, é indispensável que haja uma real atenção para a formação dos professores e para a estrutura da escola. Esta se trata de uma instituição que tem o dever de ofertar a educação, que é garantida pelo Estado e desde muito tempo deve ser leiga e gratuita. Segundo PATTO (1992), a escola é incompetente no momento de garantir a educação a todos os indivíduos, pois não consegue repassar todos os conteúdos escolares básicos à

maioria dos estudantes que por ela passa isso ocorre em países de terceiro mundo como o Brasil, pois o sistema capitalista exclui até mesmo na hora da instrução. Pode-se dizer então que a escola sempre foi e continua sendo uma instituição excludente e seletiva.

[...] referimo-nos à escola e ao sistema de ensino como unidade organizada burocratizada, segmentada, graduada. Enfim a escola como modelo social e cultural de funcionamento organizativo. Tais aspectos são determinantes dos processos e dos produtos. Eles são os produtores dos fracassos e dos sucessos (ARROYO, 2003, p.14).

Muitas vezes, os professores vão para a sala de aula indispostos, exercem suas funções de educadores com fracasso, levando consigo uma bagagem enorme de preconceitos. Dessa forma, é possível que os alunos não aprendam, pois os professores não estão dispostos a ensinar. O professor tem de deixar de ser um dos causadores do fracasso escolar. Precisam deixar de considerar tão significativamente a condição social do aluno na hora de ensinar.

A escola, como uma instituição sociocultural, organizada e repleta de valores, deveria enfrentar o fracasso escolar de forma que tal problema pudesse ser resolvido. Os profissionais que nela estão deveriam atuar visando alcançar bons resultados de aprendizagem, efetivando os objetivos da educação. Isso deveria acontecer desde que fossem respeitadas as diferenças. A instituição ao deparar-se com o fracasso escolar, ou até mesmo para evitá-lo deveria agir de forma mais humana respeitando as vivências dos alunos, pois, assim a formação seria mais justa.

A realidade que encontramos nas escolas não é bem essa, os profissionais que ali atuam agem a partir das características pessoais dos alunos (cor, família, nível social e econômico) dessa forma a escola acaba fazendo previsões para o futuro desses alunos.

De acordo com Arroyo (2000), a atitude que a escola tem quando se depara com o fracasso escolar, é sempre dizer que o aluno que não apresentou um bom desempenho, que teve comportamentos inadequados, são crianças desviantes e por isso devem ser punidas, utiliza-se assim o autoritarismo, a repressão e até mesmo a reprovação.

São justamente essas reprovações que podem fazer com que os estudantes acabem abandonando a escola, sem ao menos terem adquirido os

conhecimentos considerados básicos pela sociedade. Isso faz com que esse indivíduo diante de tantos fracassos acabe desacreditado de suas capacidades.

As características dos alunos deveriam ser levadas em consideração pela escola, e no momento da formação dos professores, para que estes possam aprender a importância que a própria formação tem em relação a seus futuros alunos, precisam ser críticos, preocupados com a sociedade e com condições de transformar idéias alienadas em outras diferentes, que possam fazer a educação acontecer de forma prazerosa e assim a ocorrência do fracasso escolar possa diminuir.

Segundo Carvalho (2001), é necessário que se tenha “uma visão de escola comprometida com a construção de uma nova forma de organização social (...) precisa rever também sua estrutura organizacional, seu planejamento pedagógico e sua concepção de disciplina escolar”.

A escola de hoje, com certeza, ainda possui estruturas rígidas, que não são capazes ao menos, de entender que existem diferenças, sejam elas de cultura, valores, comportamentos, considerando tudo aquilo que foge do padrão de normalidade da sociedade como indisciplina e como fracasso.

Tornou-se fácil falar do fracasso dentro de visões equivocadas, no entanto, encará-lo de forma adequada vem se tornando cada vez mais difícil. Para tanto é necessário dedicação e muito estudo. Os profissionais da educação necessariamente precisam conhecer a literatura a respeito do tema, além de saber classificar o que está lendo. Afinal, com o estudo desenvolvido foi possível perceber que muitas vezes a literatura vem afirmar questões equivocadas. É necessário que haja uma adaptação das atividades educativas às necessidades e possibilidades do aprendiz, além do que, torna-se cada vez mais importante entender como a literatura encara o fracasso, e é através disso que se pode buscar novas soluções para o problema.

3 METODOLOGIA

O trabalho realizado tem caráter documental. Para que fosse possível alcançar o objetivo proposto, o de analisar como a concepção do fracasso escolar vem sendo encarada na literatura atual, foi necessário selecionar os periódicos que seriam pesquisados. O primeiro passo foi definir a *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), como local de seleção dos periódicos, por se tratar de uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros.

O passo seguinte foi definir “fracasso escolar” como o descritor que seria utilizado na pesquisa. Desta maneira, colocamos a expressão no menu de busca e constatamos a existência de dezessete trabalhos. Os artigos foram publicados em periódicos de diversas áreas do conhecimento, dentre elas, psicologia, educação, filosofia, sociologia, história. No entanto, a maior concentração (10 artigos) foi encontrada nas áreas da educação e da psicologia, distribuídos em sete periódicos. A partir desta listagem, selecionamos os periódicos que foram o foco da pesquisa. Como já foi referido, a atenção ficou voltada para duas áreas do conhecimento: psicologia e educação, por serem as áreas predominantes de desenvolvimento de estudos sobre a temática.

Foram selecionados oito periódicos, listados a seguir: Psicologia USP, Revista Estudos Feministas, Psicologia Estudantil, Psicologia: Reflexão e Crítica, Revista Brasileira de Educação, Educação e Pesquisa, Cadernos de Pesquisa, Ensaio: Avaliação, Políticas Públicas e Educação.

Após a definição dos periódicos, foram lidos os títulos e resumos de todos os artigos publicados no período de 1997 a 2007. O critério de seleção dos trabalhos foi a abordagem do tema fracasso escolar, ainda que indiretamente. Foram selecionados dez artigos.

Os dez trabalhos foram lidos na íntegra e como apoio foi estabelecido um roteiro de leitura adaptado de NUNES et al. (1998). O roteiro contém dois grandes grupos de questões: descritivas e qualitativas.

As questões denominadas descritivas buscavam a identificação dos artigos, estas foram respondidas na primeira leitura destes e estão devidamente listadas a baixo:

- Referência completa nas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas
- Qual o periódico em que o artigo foi encontrado
- A classificação do artigo em relato de pesquisa ou ensaio teórico
- Identificação do problema de pesquisa
- Objetivos dos estudos
- Referencial teórico
- Procedimentos adotados (coleta de dados, análise dos dados coletados e participantes envolvidos)
- Resultados encontrados pelos autores.

Tais classificações foram definidas com base na literatura conforme apresentado anteriormente.

Após a leitura de cada artigo e do preenchimento do roteiro de leitura, os dados foram organizados em um quadro para ser utilizado como instrumento facilitador dos trabalhos. O quadro foi construído com informações contidas nos artigos que permitiram a análise propriamente dita, ou seja, possibilitou o acesso às informações gerais de todos os artigos. O Quadro I apresenta, como exemplo, tal organização:

ANO	ÁREA	TÍTULO	AUTOR	CLASSIFICAÇÃO	PROBLEMA DE PESQUISA	OBJETIVO	PROCEDIMENTOS	RESULTADOS
1997	Psicologia	Representação da escola e trajetória escolar.	Silvia Helena Vieira cruz.	Relato de pesquisa.	Quais são os critérios de avaliação escolar das professoras?	Examinar o trajeto da representação de escola num grupo de crianças pobres ao longo do seu primeiro ano de escolaridade	Foram realizadas entrevistas e aplicadas adaptações de dois procedimentos: Desenhos- Estórias e Histórias para Completar. Realizaram observações em sala de aula e entrevistas com professores.	A análise indicou que as representações iniciais evoluem negativamente. As observações e entrevistas revelaram incompetência pedagógica e atitudes negativas em relação à criança pobre e sua família. Os pais que vêm na educação escolar dos filhos a esperança de melhores dias, tentam amoldálos à escola. Com isso se tem o fracasso escolar e a diminuição da auto-estima das crianças.
2001	Educação Psicologia	Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas.	Marília Pinto de Carvalho.	Relato de pesquisa	Quais são os critérios de avaliação escolar das professoras?	Pontuar em que medida as opiniões das professoras sobre masculinidade e feminilidade interferiam em seus julgamentos, e o que era mais valorizado no comportamento de meninos e meninas.	Os dados foram coletados nas turmas de quarta série de uma escola pública do ensino fundamental do município de São Paulo. Foram entrevistadas duas professoras de classe e a orientadora educacional, realizaram-se observações nas salas de aula regulares, em suas atividades de recuperação, nas reuniões pedagógicas, e nos conselhos de classe realizados no segundo semestre do ano 2000 que diziam respeito a quarta série.	Os resultados alcançados mostram a urgência de promover essa reflexão no campo educacional, pois, se já eram marcantes em sistema de avaliação mais formalizado, com testes, atribuições de notas, e organização da escola em séries, as hierarquias de gênero parecem tornar-se mais poderosas nas chamadas avaliações de processo, em curso na maioria das escolas brasileiras.

2001	Psicologia	Orientação à queixa escolar.	Cíntia Capit Freller et al.	Relato de pesquisa.	Como despatologizar crianças e famílias e evitar longos tratamentos psicoterápicos?	Partindo-se da crítica à abordagem da Psicologia clínica tradicional, que não vê a escola como possível causadora do baixo rendimento e indisciplina na sala de aula, buscar trabalhar com todos os envolvidos na rede de relações em que essas queixas se engendram para despatologizar diversos diagnósticos.	Inicialmente é feita uma inscrição no Serviço de Orientação em queixa escolar, após os envolvidos são convidados a dar as versões do caso ocorrido (em grupo ou individualmente), são colocadas perguntas durante este momento o que permite reflexão sobre os dados expostos. Após, são três as resoluções possíveis: os casos são se necessário encaminhados para tratamento clínico, ou recorre-se à Orientação Escolar, e existem casos que já se encerram na triagem. É feito um contato com a escola, com os responsáveis, com outros profissionais, e se possível uma entrevista devolutiva com todos os envolvidos.	Através de um trabalho direcionado ao foco do problema, chega-se ao resultado de que muitos casos diagnosticados pela Psicologia clínica, são esclarecidos por meio de uma despatologização, sendo resolvidos muitas vezes por meio de conversas.
------	------------	------------------------------	-----------------------------	---------------------	---	---	---	---

Em um segundo momento, realizamos a análise qualitativa dos artigos buscando apreender a concepção sobre o fenômeno do fracasso escolar. Nesta etapa, nos embasamos no entendimento que o fracasso escolar pode ser concebido de diferentes modos e, nos apropriando das indicações de Patto (1989), definimos três categorias de análise, conforme exposto a seguir:

- Patologizadora: o entendimento é de que o fracasso escolar é causado por distúrbios inerentes ao aluno.
- Carência Cultural: o fracasso escolar concebido como resultado da pobreza em que o indivíduo está inserido; via de regra, a estrutura familiar e o próprio aluno são culpabilizados pelo fracasso escolar.
- Sócio-educacional: o fracasso escolar é compreendido como consequência de inúmeros fatores que englobam aspectos sociais, educacionais, econômicos e individuais; o entendimento é o de que o fracasso escolar é constituído e mantido nas relações tecidas socialmente e no interior da escola.

4 RESULTADOS

Foram analisados 10 artigos publicados entre os anos de 1997 e 2007, distribuídos da seguinte maneira: um artigo foi publicado em 1997, três no ano de 2001, um em 2002, dois artigos em 2004, um em 2005 e por fim, dois artigos em 2006. Nota-se, com a disposição das publicações, que os trabalhos foram distribuídos aleatoriamente durante estes dez anos de estudos, contudo, é notável que as discussões que abordam o fracasso escolar neste período são resultantes das preocupações com a educação, decorrentes de questões políticas, econômicas e sociais.

As pesquisas foram centradas em oito periódicos. A distribuição dos artigos nos mesmos ocorre da seguinte maneira: quatro estão localizados no periódico de Psicologia, quatro em periódicos relacionados à educação listados a seguir, dois artigos em Educação e Pesquisa, um trabalho na Revista brasileira de Educação, um em Ensaio: Avaliação, Políticas públicas e Educação, uma publicação em Cadernos de Pesquisa. Destaca-se o periódico Revista Estudos Feministas, que apresenta pesquisas de diversas áreas do conhecimento, do qual foi possível retirar um artigo sobre o fracasso escolar.

A partir desta análise dos periódicos fica bastante evidente que o fracasso escolar está intimamente ligado a questões da Psicologia e da Educação. Podendo ser foco de estudo de outras áreas, mas com menor frequência. Essa insistência de considerar o fracasso como uma questão psicológica vem como resultado da culpabilização do indivíduo (carência cultural). Quando o fracasso escolar vincula-se à educação aparece ligado fatores que culpabilizam o indivíduo, geralmente os professores dotados de uma má formação e guiados por suas impressões tomam decisões equivocadas a respeito do insucesso escolar.

Em suma nota-se que nos periódicos pesquisados o fracasso apresenta-se como resultado de problemas decorrentes das pessoas que se encontram nesta situação de “fracassados”, nos artigos em que a culpa pelo insucesso vem da teoria medicalizadora que também sustenta a ênfase na doença como causa do fracasso escolar.

Os artigos estudados foram devidamente classificados como relatos de pesquisa ou ensaio teórico, no entanto, ao realizar tal classificação torna-se

evidente a frequente tendência dos estudiosos de trabalharem no formato de relato de pesquisa. Isso pode ser percebido nos dez artigos selecionados, pois somente um apresenta-se como ensaio teórico.

Em relação aos problemas de pesquisa, foi possível perceber que, muitas vezes, a questão apresentada no início do trabalho não indica necessariamente os resultados em que se pretende chegar com a pesquisa. No artigo “Representação da escola e trajetória escolar” percebe-se que o problema está relacionado com a visão que a criança pobre tem da escola no início da alfabetização. Contudo, os resultados apontados pela autora retratam uma análise que indica a incompetência pedagógica e as atitudes negativas tomadas com a criança envolvida. De acordo com a pesquisa, tal situação acarreta o fracasso escolar e a diminuição da auto-estima das crianças. Nota-se que os resultados vão muito além da representação de escola proposta no problema de pesquisa, atingindo uma discussão sobre o fracasso escolar amplamente vinculada à pobreza.

No artigo “Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas”, o problema de pesquisa propõe um estudo a respeito dos critérios de avaliação escolar das professoras. Os resultados expostos pela autora evidenciam o quanto é importante refletir sobre a avaliação, apontando ser de suma relevância abordar as hierarquias de gêneros que estão cada vez mais evidenciadas em sistemas de avaliação formalizados. É possível perceber com tais dados, que o resultado apresentado pela autora vem com uma resposta do problema apontado inicialmente.

Em “Orientação à queixa escolar”, os resultados encontrados estão intimamente ligados ao foco do problema apresentado, este diz respeito à despatologização das crianças e das famílias no intuito de evitar longos tratamentos psicoterápicos. O artigo aponta a questão da despatologização do fracasso, apresentando o diálogo como alternativa para resolver o problema.

No estudo “A Infância na pobreza urbana. Linguagem Oral e a Escrita da história pelas crianças”, o problema é estabelecido a partir de um questionamento sobre a influência que o ambiente verbal exerce sobre a linguagem das crianças, os resultados indicam que a utilização da linguagem verbal pelas crianças é demasiadamente rica. É por meio da linguagem que as crianças conquistam o mundo a sua volta e expressam suas vivências. Um fator interessante

apontado nos resultados é que a condição social da criança não pode ser considerada como fator determinante de seu fracasso escolar.

O trabalho “Efeitos de testes de leitura sobre a generalização em crianças em processo de alfabetização”, tem como problema de pesquisa a análise efeitos dos testes de leitura no desenvolvimento da aprendizagem. É possível perceber que o fracasso escolar não aparece diretamente no artigo. Os resultados não apontam o fracasso como inerente ao indivíduo, apenas o relaciona com os testes de leitura, colocando os mesmos como um fator que pode diminuir os índices de insucesso escolar.

O artigo “Quinze anos de ciclos no ensino fundamental: um balanço das pesquisas sobre sua implantação”, é um ensaio teórico, cujo objetivo é efetuar um balanço a respeito do que se tem produzido nos últimos quinze anos sobre a implantação de ciclos básicos e outras formas de seriação do ensino fundamental, com o intuito de combater o fracasso escolar. Os resultados indicam fatores positivos e negativos relacionados à implantação das inovações educacionais apontadas. Tais fatores dizem respeito principalmente ao fato de existir uma negligência ao se persuadir os participantes da comunidade escolar e de tomar medidas fundamentais para uma atuação renovada de docentes, tudo feito com o objetivo de reduzir os números do fracasso escolar.

Em “O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar”, o problema de pesquisa é perceber como o fracasso escolar vem sendo visto na rede pública no ensino fundamental, com o objetivo de perceber as continuidades e descontinuidades teórico-metodológicas existentes sobre o assunto em questão. Os resultados apontam para vertentes que compreendem o fracasso escolar de várias maneiras, o que vem confirmar o já exposto na literatura, de acordo com a pesquisa o fracasso pode ser encarado como problema psíquico, problema técnico, como questão institucional, como questão fundamentalmente política. Verificou-se que existem continuidades e rupturas teórico-metodológicas em relação à produção do saber na área.

No estudo “O conselho de classe e a construção do fracasso escolar”, a autora tem o propósito de responder se o conselho de classe pode contribuir para a construção do fracasso escolar, o objetivo a ser alcançado gira em torno desta mesma questão. Foi possível perceber com o trabalho que nos conselhos de classe, os professores, muitas vezes, se deixam levar por

pensamentos irrelevantes e equivocados e, partindo deste erro, tomam decisões sobre o sucesso ou fracasso dos alunos.

No artigo “Intrincada trama de masculinidades e feminilidades: Fracasso escolar e meninos”, mais uma vez o fracasso escolar é analisado a partir da questão de gênero. O problema de pesquisa relaciona-se justamente ao fato da diferença de gênero poder ou não ser causa do fracasso escolar, o objetivo é justamente perceber como a diferença entre meninos e meninas vem sendo encarada nas escolas. Constata-se com a pesquisa que existem referenciais fixos de feminino e masculino. Notando-se que as questões de feminilidades estão articuladas ao pertencimento social, o que no estudo é apontado como resultante de diferentes implicações para o desempenho escolar.

Em “Discurso pedagógico e fracasso escolar”, a autora busca por meio da pesquisa responder a seguinte questão: “As variedades pessoais e familiares da criança estão associadas ao fracasso escolar?” A partir do problema de pesquisa o objetivo torna-se claro, tentar perceber se a realidade da criança representa um fator de risco para a aprendizagem. O resultado vem para confirmar o que está posto no problema, a posição que a criança ocupa, segundo a pesquisa, influencia significativamente seu desempenho. No entanto destaca-se também a organização da instituição de ensino como fator relevante em relação ao desempenho das crianças.

A análise dos problemas de pesquisa apresentados nos artigos indica que a preocupação está voltada para: como a concepção de fracasso escolar é construída; como os professores encaram o fracasso escolar; como a questão das patologias é construída no cotidiano escolar e como a crença na medicalização do ensino está estruturada e; como as inovações estão chegando às escolas e influenciando a aprendizagem.

Nos objetivos propostos por alguns autores fica explícito que se tenta provar em grande parte dos casos que o fracasso escolar continua sendo culpa da família, da própria criança e de sua condição sócio-econômica. Por outro lado, encontramos trabalhos que indicam em seus objetivos a necessidade de desmistificar esta visão de fracasso escolar: despatologizar diagnósticos equivocados, desmistificar a questão da deficiência de linguagem devido ao ambiente em que a criança vive, verificar como o fracasso vem sendo concebido na rede pública de ensino a partir de diferentes vertentes.

Com relação aos procedimentos adotados para a realização dos estudos os artigos classificados como relato de pesquisa foram realizados a partir de entrevistas com professores, alunos, orientadores educacionais, familiares. Outro procedimento bastante comum foi observação de sala de aula ou mesmo do ambiente familiar. Em um dos artigos o procedimento inicial foi inscrever os envolvidos no Serviço de Orientação em queixa escolar. Outro trabalho utiliza testes de leitura aplicados nas crianças para coletar dados. Em suma os procedimentos ficam aliados aos participantes da pesquisa, coleta de dados e local onde estes são coletados.

A análise dos resultados obtidos nos estudos comprova que a literatura vem confirmando o que há muito tempo já se sabe, que infelizmente na atualidade o fracasso escolar vem sendo explicado a partir teoria da carência cultural e da concepção de medicalização do fracasso. Existem sim estudos que contrariam estas idéias, mas não se pode dizer que são muitos. Infelizmente são poucos os trabalhos que colocam o fracasso como conseqüência da desestruturação do sistema educacional, da falta de estrutura das escolas, de problemas pedagógicos, da falácia das diferenças individuais, entre outros problemas gravíssimos que são mascarados pela literatura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as discussões, informações e análises adquiridas com a realização deste trabalho mostraram considerações bastante relevantes a respeito do fracasso escolar. É notável perceber que pesquisar a respeito de um tema tão polêmico é um trabalho intenso de leituras e reflexões.

O insucesso dos indivíduos na escola pode ocorrer devido a variados fatores. Ao focarmos a literatura, torna-se visível o fracasso escolar encarado como algo histórico. Dessa maneira, como tudo que é histórico, a falta de rendimento escolar dos alunos vai sendo justificada a partir de interesses sociais, econômicos e políticos da sociedade.

Para a realização da pesquisa foi necessário fazer uma análise das três grandes categorias que o fracasso escolar vem sendo encarado pela literatura: a patologizadora, carência cultural e sócio-educacional. Nas três categorias, o fracasso escolar é visto como algo que ocorre fora dos muros da escola, como culpa somente do indivíduo, da situação social e econômica em que este se encontra.

Como já foi apontado nesta pesquisa, é preciso, quando se aborda o fracasso escolar, encará-lo como um fenômeno que envolve várias dimensões. Quando o assunto é dificuldades de aprendizagem, é imprescindível concebê-las como um fenômeno multideterminado, que extrapola as condições individuais e subjetivas do sujeito. Justamente por isso, grande parte do trabalho é baseado na pesquisa de Patto que, desde a década de 1980, já encara o fato de que nas escolas ainda permanece a concepção do fracasso como algo inerente ao sujeito, sob “nova” perspectiva, que somente evidencia ainda mais o que já sabíamos.

Ao realizar a análise dos artigos referentes ao fracasso escolar fica explícito, como já evidenciado, que os autores que estudam o assunto atualmente, em grande parte dos casos, sem generalizar, ainda encaram o fracasso a partir das categorias já listadas acima. Contudo, existem estudos que se contrapõem a esta ideia.

É necessário destacar que as concepções presentes na literatura especializada que norteiam a realização de pesquisas e, conseqüentemente, a produção do conhecimento da área, também são constitutivas dos significados presentes no cotidiano escolar e dos modos de lidar com os problemas da

educação. Nesse sentido, encontrar uma literatura que não rompe com os mitos do fracasso escolar, mas que, ao contrário, se estrutura com a intenção de cristalizá-los, é encontrar respaldo no conhecimento científico (como no século XIX) para justificar crenças e mitos que insistem em isentar as relações de poder e a estrutura educacional vigente em nosso contexto social.

Chegando ao fim desta pesquisa, percebo que realizei apenas uma parte de meu trabalho. Consegui perceber como o fracasso vem sendo encarado pela literatura, contudo esta resposta me trouxe muitas outras indagações sobre o tema: “fracasso escolar”. Como já foi dito anteriormente é preciso que inúmeras pesquisas sejam realizadas na área, com o intuito de estudar este fenômeno e se possível passar a encará-lo de maneira distinta.

Pude compreender que a escola continua sendo eximida da culpa pelo fracasso escolar de seus alunos, assim como as práticas pedagógicas indevidas são utilizadas resultando em índices alarmantes de fracasso escolar, a falta de professores devidamente capacitados para lidar com o diferente, afinal os seres humanos não são iguais, também é deixada de lado. Enquanto isso o fracasso escolar vai se disseminando pelo país. É justamente questões como estas que me impulsionam a continuar estudando a respeito do fenômeno fracasso escolar.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. A indisciplina e a escola atual. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 24, n. 2, p.181-204, jul. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 ago. 2009.

ARROYO, Miguel Gonzalez . Fracasso/Sucesso: um pesadelo que perturba nossos sonhos. Em Aberto, Brasília, v. 17, n. 71, p. 33-40, 2000

_____. Fracasso-Sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. In: Anete Abramowicz; Jaqueline Moll. (Org.). Para além do fracasso escolar. 6 ed. Campinas: Papyrus, 2003, v. , p. 11-26

CARVALHO, Marília Pinto de . Estatísticas de desempenho escolar: o lado avesso. Educação e Sociedade, v. 22, n. 77, p. 231-252, 2001.

ENGELS, Friedrich. A família monogâmica. In CANEVACCI, Massimo. **Dialética da família**: gênese, estrutura dinâmica de uma instituição repressiva. 5º Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

NUNES, Leila Regina D.O.P. et al. **Questões atuais em pesquisa especial**. Pesquisa em educação especial na pós-graduação, v.3. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro,1998.

MOYSÉS, Maira Aparecida Afonso; COLLARES, Cecília Azevedo Lima. A transformação do espaço pedagógico em espaço clínico: a patologização da educação. São Paulo, **Ideias**, v.23, p.25-31, 1994.

PATTO, Maria Helena Souza. A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro. **Psicol. USP**, v.13, n.1-2, p.107-121, 1992. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771992000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2008.

_____. **A Produção do Fracasso Escolar: Histórias de Submissão e Rebelia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

REFERÊNCIAS DOS ARTIGOS ANALISADOS

ANGELUCCI, Carla Biancha et al . O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991-2002): um estudo introdutório. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 52-72, abr. 2004. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 ago. 2009. ISSN15179702.

BRITO, Rosemeire dos Santos. Intrincada trama de masculinidades e feminilidades: fracasso escolar e meninos. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 36, n. 127, p.129-149, abr. 2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742006000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 ago. 2009. ISSN01001574.

CARVALHO, MARÍLIA PINTO DE. Mau aluno, boa aluna?: como as professoras avaliam meninos e meninas. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p.554-574, 2001. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 ago. 2009. ISSN 0104026.

CRUZ, Silvia Helena Vieira. Representação de Escola e Trajetória Escolar. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 8, n. 1, p.91-111, 1997. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641997000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 ago. 2009. ISSN01036564.

DAMIANI, Magda Floriana. Discurso pedagógico e fracasso escolar. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 53, p.457-478, dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362006000400004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 ago. 2009.

FRELLER, Cíntia Copit et al. Orientação à queixa escolar. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 6, n. 2, p.129-134, dez. 2001. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722001000200018&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 ago. 2009. ISSN14137372.

GOMES, Candido Alberto. Quinze anos de ciclos no ensino fundamental: um balanço das pesquisas sobre sua implantação. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 25, p.39-52, abr. 2004. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 ago. 2009.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. O conselho de classe e a construção do fracasso escolar. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 31, n. 2, p.215-228, ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 ago. 2009. ISSN15179702.

MEDEIROS, José Gonçalves; SILVA, Rosária Maria Fernandes da. Efeitos de testes de leitura sobre a generalização em crianças em processo de alfabetização. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 587-602, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722002000300013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 ago. 2009. ISSN01027972.

SAWAYA, Sandra Maria. A infância na pobreza urbana: linguagem oral e a escrita da história pelas crianças. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 12, n. 1, p.153-178, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 ago. 2009. ISSN01036564.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ABRAMOVIEZ, Anete; MOLL, Jaqueline (orgs.). **Para além do fracasso escolar**. Campinas-SP: Papirus, 2002.

BRANDÃO, Zaia; VARGAS, Hustana; PAULA, Lucília (orgs.). **Processos de produção de qualidade de ensino: escola família e cultura**. GT: Sociologia da Educação, nº.14, 2005. Disponível em:
<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt14/t147.pdf>. Acesso em: 20 out. 2008.

FREITAS, Marcos Cezar de (org). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997.

MELLETI, S. M. F. Indisciplina como condição do desvio no cotidiano escolar. In: HENNING, L. M. P.; ABBUD, M. L. M. (orgs). **Violência, indisciplina e educação**. Londrina: Eduel, (no prelo).

MARIN, Alda Junqueira. Com o olhar nos professores: desafios para o enfrentamento das realidades escolares. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 19, n. 44, abr. 1998. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2008.

OLIVEIRA, Marta Kohl de; REGO, Teresa Cristina; SOUZA, Denise Trente R. **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002.

SILVA, Graziela Lucchesi R da. Psicologia educacional e arte literária: interlocuções para a compreensão dos laços familiares e escolares na atualidade. **GT: Psicologia da Educação**, n.20, 2003. Disponível em:
<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT20-2437--Int.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2009.

TRINDADE, Azoilda L.; SANTOS, Rafaela dos (orgs.). **Multiculturalismo: mil e uma faces da escola**. 3.ed. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.